

Alexei

O pé atingiu o alvo com uma força calculada. A perna quebrou.

Continuou a tarefa até ter chegado ao objectivo: dinheiro. Lembrava-se do que lhe dissera o General Valodia, diminutivo de Vladimir. As palavras ainda lhe ecoavam na cabeça, parecia-lhe que o seu crânio era uma enorme sala oca, na qual gritavam. Ouvia aquela afirmação, misturada com interrogação, que lhe era dirigida. “Sois escravos. Os escravos não sofrem como os outros. Não sofrem porque são incultos, são estúpidos, a estupidez e a ignorância são as melhores armas contra o sofrimento.” Alexei sabia que os homens fortes, conhecedores de lutas de todos os tipos, peritos em todas as armas, por qualquer razão, obedeciam a ordens, morriam às ordens de homens fracos. Ou seriam eles os fracos? A força física não comanda o mundo; somos governados por idosos doentes, pensou. Terá sido sempre assim? Estudara coisas, lera livros, começara a pensar. “Conspiraste contra o Estado” diziam-lhe na instrução. Depois obrigavam-no a confessar. Massacravam-no, faziam-no caminhar descalço no gelo, davam-lhe treino de saltos de helicópteros. Tudo isso lhe parecia uma imensa palermice, agora. Depois da implosão do seu mundo, depois da implosão de todo o mundo, porque era o que achava que estava a acontecer, tivera que ganhar a vida. Aprendera coisas muito diferentes mas parecidas; como partir um dedo, como partir um braço, como quebrar um pescoço, como colocar uma bala no centro de uma testa... Como fizera hoje, quando aplicara um único golpe numa perna. Na semana anterior matara um tipo facilmente, partira-lhe o pescoço. Já trabalhara em França, no Egipto, fizera também umas coisas no Brasil e no México. Pertencera ao *Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosti* (Comité para a Segurança do Estado), conhecido por KGB. Daqui não passara para o *Federalnaya Sluzhba Bezopasnosti Rossiyskoy Federatsii* (Serviço Federal de Segurança), conhecido por FSB. Guardava com amor recordações dos *Spetsnatz*, as forças especiais de antigamente. Tantos como ele morreram para nada! Um conhecido dizia-lhe, no intervalo dos

trabalhos, que tinha sorte. Vivia num país calmo, a polícia não os controlava, um país pequeno, com clima ameno. Tencionava ficar. Nada tem sentido, dizia-lhe o amigo; por isso vive, Alexis, o resto é conversa. Talvez Ivan tivesse razão. Lembrava-se muito bem do dia em que Kryuchkov tinha sido preso, nenhum dos seus mais leais seguidores fizera grande coisa para o ajudar. Vadim Bakatin foi nomeado Director dia 23 de Agosto de 1991, com a missão de desmantelar o KGB, que foi extinto dia 6 de Novembro desse ano. Ficara espantado quando vira Boris, um dos mais fanáticos colegas que jamais tivera, responsável por uma temporada que passara preso, vitoriar a Democracia e a obra de Bakatin! “Hurra, Viva a Democracia!”, gritara Boris, no meio de uma multidão feliz. Alexei continuaria a fazer o que sabia. Não tinha alternativa, não sabia fazer mais nada. Tinha pena, até gostava dos portugueses, mas paciência. “Agora somos todos partidários da Democracia”, pensou antes de adormecer.

Carlos Mota